

ADOLESCÊNCIA, SUICÍDIO E O LUTO DOS PAIS

ADOLESCENCE, SUICIDE AND PARENTS' MOURNING

ALINE APARECIDA DE OLIVEIRA. Acadêmica do curso de Psicologia – Centro Universitário Ingá.

FRANCIELE CABRAL LEÃO MACHADO. Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, Docente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ingá – Uningá.

Rua Pioneira Palmyra Tel, 1979, Jardim Iguazu, CEP: 87060-175, Maringá – Paraná. E-mail: lini-estetica@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa objetiva discorrer sobre o luto dos pais de adolescentes que cometeram suicídio. Para melhor compreensão sobre a temática, deve-se compreender sobre o período da adolescência enquanto fase de desenvolvimento socialmente construída, suicídio na adolescência, bem como a vivência de luto dos pais que perderam seus filhos por suicídio. O trabalho utilizará uma revisão bibliográfica, realizando um levantamento sobre a temática nas bases científicas de revistas online, por meio de artigos científicos e dissertações de mestrado. A adolescência é um período que pode ser marcado por conflitos, mudanças biológicas, psicológicas e que sofre influência do meio onde o adolescente se insere e também de como esse entende e vivencia o mundo e as relações. O suicídio é um ato drástico e que tira do adolescente tudo o que ele poderia ser. É importante considerar que o suicídio ou ideação suicida pode possuir várias motivações diferentes, e que tanto a ciência, sociedade e os profissionais que lidam com estes pacientes precisam considerar essas motivações, e também indícios para tentar prevenir novos casos. O luto dos pais que perderam seus filhos por suicídio é, além de muito doloroso, um assunto que dificilmente é discutido na sociedade, embora o processo de luto do pais não pode ser generalizado a todos, sentimentos negativos como depressão, culpa, dor, sofrimento, discussões, conflitos entre os pais do podem surgir, assim como as variadas formas de auxílio que passam por família, amigos, suporte emocional, religiosidade, relacionamento entre os pais com o filho anteriormente ao suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Luto dos pais. Adolescência. Suicídio.

ABSTRACT

This research aims to discuss the mourning of parents whose adolescents committed suicide. For a better understanding of the subject, it is necessary to understand some concepts such as the period of adolescence as a stage of socially constructed development, suicide in adolescence, as well as the mourning experience of parents who lost their children by suicide. This study is carried out via bibliographical review, conducting a survey on the subject within scientific basis of online journals, scientific articles and master's dissertations. Adolescence is a period that might be marked by conflicts, biological and psychological changes, which is influenced by the environment the teenager is

inserted in and also how they understand and experience the world and relationships. Suicide is a drastic act that takes away everything somebody could be and achieve. It is important to consider that suicide or suicidal ideation may have several different motivations, and that science, society and professionals dealing with these patients must consider these motivations as well as clues to try and prevent new cases. The mourning of parents who have lost their children by suicide is, in addition to being very painful, a subject that is hardly discussed in society, although the process of mourning cannot be generalized to every person, negative feelings such as depression, guilt, pain, suffering, discussions, conflicts between the parents may arise, as well as the various forms of assistance that go through family, friends, emotional support, religiosity, relationship between the parents and the adolescent prior to the suicide.

KEY-WORDS: Parents' Mourning. Adolescence. Suicide.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre o luto dos pais dos adolescentes que cometeram suicídio. Para tanto, abordaremos o suicídio na adolescência, enquanto fase de desenvolvimento socialmente construída, bem como a vivência de luto dos pais que perderam seus filhos por suicídio.

Segundo Berti (2010), a literatura científica sobre suicídio na adolescência não é tão vasta diante de um fenômeno complexo, sendo importante a produção de conhecimento sobre tal temática, uma vez que o número de casos cresce cada vez mais em todo mundo.

Para a ciência, sociedade e profissionais que lidam com pacientes que possuem uma ideação suicida ou mesmo uma tentativa de suicídio, o suicídio é um ato drástico que pode ter inúmeras motivações. Compreender mais sobre as motivações que levam o adolescente a pensar em suicídio ou mesmo a cometer o ato em si, pode contribuir com a prevenção de novos casos. Embora essas questões surjam como um resultado secundário da presente pesquisa, uma vez que a temática está voltada ao luto dos pais após o suicídio de um filho, Kovács (1992) aponta que as informações sobre suicídio podem ser usadas para auxiliar a família a compreender e aceitar melhor as razões que levaram o adolescente ao suicídio, favorecendo a elaboração do luto.

A tentativa de suicídio na adolescência é um problema que envolve a família das vítimas, os profissionais de saúde e a comunidade que buscam auxiliar esses jovens, pois diante do sofrimento que estão vivenciando, quando há uma tentativa frustrada as chances de novas tentativas aumentam. Esse auxílio pode ser eficiente a partir do acesso à informações e atualizações constantes sobre a temática (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013).

Segundo a Who (2008), embora o suicídio seja um problema de saúde pública e que a sociedade poderia buscar mais informações sobre o ato, ele ainda é considerado um tabu, um problema que a sociedade evita discutir.

O luto dos pais que perderam seus filhos por suicídio se configura como uma vivência dolorosa, no qual a sociedade ainda encontra dificuldades em como lidar e auxiliar esses pais. A morte de um filho já é um sofrimento grande, mas a morte violenta, ou no caso o suicídio, evoca reações, dores, dificuldades

de compreensão e aceitação, não somente pela perda em si, mas também devido à natureza da morte (SILVA, 2009).

O processo de luto não pode ser generalizado a todos, cada um enfrenta de uma forma, e busca processar o acontecimento de acordo com suas próprias características de personalidade. A compreensão auxilia os pais a poderem passar por estágios do luto, mas também os mantém focados em algo que ainda os vincula ao filho morto.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica. Primeiramente será feito um levantamento da literatura existente sobre a temática nas bases de artigos científicos de revistas online, por meio de artigos científicos e dissertações de mestrado. Os descritores utilizados para as buscas foram luto dos pais, adolescência e suicídio.

A pesquisa bibliográfica, segundo Marconi e Lakatos (2003), trata-se da investigação bibliográfica de um determinado tema, por meio de livros e publicações científicas, em que o pesquisador se relaciona diretamente com o que já foi escrito sobre determinado assunto, esse pode ser analisado, revisado, e modificado conforme a demanda ou o que for encontrado nos dados científicos.

Após a leitura destes dados, os mesmos foram analisados e organizados com o objetivo de construir um artigo de revisão bibliográfica sobre a temática do luto dos pais dos adolescentes que cometeram suicídio.

REVISÃO DE LITERATURA

Adolescência

Diversos autores retratam a problemática de definir a adolescência. Muitos não conseguem distinguir se seria uma fase, uma etapa ou um ciclo na vida humana. Lopes et al. (2001, p. 47) cita Sampaio ao definir “a adolescência como uma etapa do desenvolvimento que ocorre desde a puberdade até a idade adulta”. O autor dá ênfase a Frasquilho em que a adolescência seria uma etapa do ciclo da vida, se distanciando da infantilidade seguindo para a idade adulta. De uma forma global, a adolescência pode trespassar o ciclo de vida, o que depende do sujeito, das suas capacidades pessoais, no sucesso obtido na resolução de tarefas anteriores.

Já para Berti (2010), uma das formas de compreender o adolescente é por meio da abordagem biopsicossocial, a qual considera que a adolescência possui questões biológicas, mas que as mesmas não resumem o que é um adolescente ou o que seria esta fase, envolvendo nessas definições as questões sociais e psicológicas.

O próprio conceito de adolescência e de suas características é recente para alguns autores. É uma etapa que significaria juventude e positividade, já para outros é um período de conflitos e diversos problemas; alguns buscam entender essa fase como um período de desenvolvimento, porém de vida

plena, em que o sujeito teria mais condições de ter mais liberdade e mais disposição para agir. Para Aries (1981), a adolescência ou suas características somente foram definidas e reconhecidas como parte do processo de desenvolvimento do indivíduo no final do século XIX.

A adolescência, sobretudo no século XX, foi elevada como representante e expressão máxima da juventude, da potência, da beleza, da liberdade, do gozo, do espírito crítico e contestador, do progresso, da disposição para a mudança e de tantos outros atributos que a tornaram uma fase bastante prestigiada e cobiçada. (JUSTO, 2005, p. 62).

A adolescência pode estar associada a questões positivas como citado acima, ou questões de relacionamentos conflituosos, uma fase de instabilidade.

Essa fase conturbada da vida marca o fim da infância. Segundo Maranhão (2007), é preciso lembrar que, quando a adolescência chega a infância acabou. O sujeito é parido subjetivamente da família sendo expulso do corpo sintomático, do ventre no qual fora formado. O adolescente sofre mudanças que podem modificar sua subjetividade, podendo se sentir impotente frente a tais modificações. Existe um sofrimento devido a estas mudanças, pois ele deixou de ser uma criança, contudo, ainda não é um adulto, ou seja, não totalmente dependente nem totalmente independente.

A adolescência pode ser compreendida como fase ou etapa marcada por modificações que vão desde as biológicas até psicológicas e sociais, e também referentes a mudanças no relacionamento do indivíduo com objetivos e metas que esse faz para a vida. O período de duração da adolescência compreende dos 12 aos 18 anos segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Para Justo (2005), outro aspecto importante da adolescência é o fato dos conflitos tanto com a família quanto com outros adultos serem mais observados nessa fase. Questões de rebeldia e transformações no modo de pensar e agir do jovem também são marcantes no período.

É um período de conflitos e tensões e dúvidas, segundo Maranhão (2007), que explicita: “passando pelas dúvidas e perplexidades existenciais, suas angústias frente à necessidade de propor-se um projeto de vida pessoal e profissional (...)”. O adolescente está formando sua identidade e já tem que enfrentar cobranças e demandas, normalmente de grande escala e sem auxílio, assim podem surgir diversos sentimentos como impotência, transtornos emocionais e atos de rebeldia. O adolescente passa a correr riscos, psicológicos e físicos.

Como retrata Avanci (2004), o adolescente precisa de um referencial devendo adquirir condições para cuidar do seu próprio destino para atingir a condição de adulto. É nesse processo que o adolescente entra em confronto com uma diversidade de aspectos, sendo esses: sociais, políticos, filosóficos, religiosos, econômicos, e o processo afetivo pelo qual se passa para formação da personalidade.

Segundo Ayres (1990), a adolescência acaba por ser uma fase, fixa e imutável no sentido de que se torna natural, não se podendo esquecer que essa fase foi construída culturalmente. Por tanto, se constitui sob influência direta da sociedade e cultura onde está inserida.

Auscultar outras necessidades dos adolescentes que não apenas as orgânicas em seus processos concretos de individuação/socialização é uma tarefa imprescindível para a organização de programas de saúde para o grupo. É essa ausculta que permite detectar demandas por informação, por espaços e por temas de discussão e reflexão, por oportunidades de experimentar-se, por apoio para aventurar-se, por subsídios para defender-se contra opressões de ordem social, política, econômica etc. (AYRES; FRANÇA JR., 1996, p. 71).

Talvez por essas motivações, a adolescência seja ainda um tema importante e complexo em nossa sociedade por envolver diversos fatores.

Suicídio

O suicídio é um grande desafio da modernidade, uma vez que é um ato drástico e irreversível, um problema que atinge todas as camadas da sociedade e presente em todas as culturas. Embora cada vez mais praticado no mundo, ainda é um grande desafio a sociedade falar sobre o tema. Segundo Venco e Barreto (2010) atualmente, o suicídio está inscrito no campo dos transtornos mentais (angústias, depressão, alterações de comportamento, bipolaridade entre outros) adquirindo o status de patologia. Está frequentemente ligado a questões como sentimentos negativos, de vazio, sofrimento, doenças, problemas de relacionamento, saúde mental, entre outros.

De acordo com Matsunaga (2007), o termo suicídio foi utilizado pela primeira vez por Desfontaines, sendo derivado do latim *sui* (si mesmo) + *caederes* (ação de matar), conotação usada para a morte intencional, provocada e dirigida pelo próprio agente.

Botega (2000) afirma que o comportamento suicida diz respeito a todo ato pelo qual um indivíduo cause lesão a si mesmo, qualquer que seja o grau de intenção letal e de conhecimento do verdadeiro motivo desse ato.

Para Marques (2013), o suicídio é um comportamento de quem quer se destruir, de quem encontra-se sem coragem para enfrentar os problemas da vida. Esse comportamento pode ser motivado por vários fatores como o estado psicológico, as crenças e normas sociais que se caracterizam na escolha de querer morrer para não mais sentir a dor que tanto está machucando.

Venco e Barreto (2010) mostram que o discurso do suicídio é polissêmico, construído ao longo da história da humanidade, por trazer uma multiplicidade discursiva. Entretanto, a grande questão é que a sociedade ainda vê o suicídio de forma isolada e somente relacionada ao indivíduo que cometeu o ato, ou à uma doença e não como algo que em muitos casos poderia ser evitado. Segundo Lopes (2014), o suicídio não deve ser individualizado, mas visto sob um viés social, pois ele pode ser considerado um sintoma da sociedade atual em que vivemos. As pessoas em nossa sociedade têm que lidar com diversos tipos de problemas, porém cada uma reage de maneira diferente, alguns são resolvidos e outros se tornam conflitos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2010), existem muitos fatores que aumentam o risco de suicídio, porém alguns deles se destacam, tais como a vulnerabilidade; doença mental; depressão; alcoolismo; abuso sexual, moral, físico e/ou psicológico; violência; perdas; histórico de tentativa

de suicídio; questões culturais e sociais, entre outros. Cada fator desse isolado representa pouco risco, mas em associação aumentam o risco do comportamento suicida.

Os autores Braga e Dell'Aglio (2013) reforçam que os sintomas de depressão, como tristeza, desesperança, falta de motivação e interesse pela vida fazem com que este transtorno seja um dos principais fatores de risco ao suicídio. Embora tidos como fatores de risco, eles muitas vezes são ignorados ou negligenciados.

Um dos motivos pode ser o próprio pensamento local, a cultura. Para Berti (2010), uma problemática preocupante é que culturalmente não se acredita que o adolescente seja capaz de cometer suicídio, por ser um ato violento e drástico; contudo, é preciso mudar esse pensamento para poder auxiliar os jovens, uma vez que é observado que cerca de 25% dos jovens já pensou ou planejou cometer algum tipo de ato autodestrutivo, ou mesmo tirar a própria vida.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2006, p. 19) estima-se que aproximadamente um milhão de pessoas tenha cometido suicídio em 2000, colocando o suicídio entre as dez causas de morte mais frequentes em muitos países do mundo. Dez a vinte milhões de pessoas terão tentado suicidar-se.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2010), o suicídio é a segunda principal causa de morte entre indivíduos de 10 a 24 anos. Portanto, é algo extremamente preocupante, porém evitável. Muita informação e tratamento preventivo são necessários.

Segundo dados do Ministério da Saúde (2009), somente no ano de 2005 ocorreram 8.550 suicídios no Brasil. Segundo Berti (2010), o número de internações entre adolescentes por causa de tentativa de suicídio por faixa etária e sexo é de aproximadamente 600 internações para homens e 500 internações para mulheres.

DISCUSSÃO

O luto dos pais

Todos os dados acima reforçam não somente a gravidade do problema de saúde pública, que é o suicídio na adolescência. Como já observado esse tema é um tabu para a sociedade, então faz-se necessário mudar esse pensamento para discutirmos, não somente as motivações que levam os adolescentes a cometerem esses atos, mas também questões como prevenção, e o luto dos pais desses adolescentes.

O luto envolve mudanças no equilíbrio e estabilidade da família no sentido literal de controle e domínio sobre emoções, é um processo delicado, pois visa o reestabelecimento destas questões após uma perda (SILVA, 2009).

O processo de luto dos pais que perderam um filho sempre será doloroso, e muitas vezes marcados por sentimentos negativos, entretanto o suicídio ainda é difícil de ser debatida. Segundo Silva (2009), a morte em si, mesmo que seja parte do processo natural da vida, é difícil de ser aceita em nossa sociedade, ao falar-se de jovens essa dificuldade se intensifica. Quando

se fala em suicídio o nível de aceitação torna-se ainda menor. A morte de um jovem por suicídio gera diversos questionamentos, reações e vários sentimentos negativos, tais como depressão, culpa, dor, sofrimento, discussões e conflitos entre os pais do indivíduo.

Castro (2005) aponta que muitas vezes o suicídio de um filho é pouco discutido não somente pela dor que causa, mas também em função dos preconceitos existentes na sociedade, que busca julgar ou colocar os pais em uma posição de negligência, ou mesmo incompetência, para criar um filho ou impedir o suicídio.

Segundo Osmarin (2015), os pais que perderam o filho por suicídio devem receber atenção redobrada, pois além de serem julgados pela sociedade como culpados pela morte do filho, esses também se culpam ou entendem que falharam.

O suicídio de um filho tem impacto direto na relação conjugal dos pais, seja em termos de apoio ou auxílio diante da perda, seja em termos de distanciamento entre as partes (MORELLI et al., 2013).

Segundo Silva (2009), muitas vezes ocorrem situações em consequência ou mesmo influenciadas pela morte de um filho de forma brusca, como o suicídio. Contudo, os casos são ignorados e não estudados ou aprofundados.

Para Morelli et al. (2013), questões como religiosidade, família e amigos podem auxiliar positivamente os pais que perderam um filho. A união dos pais pode passar por situações conflituosas devido a visões sobre o suicídio do filho, bem como esses podem promover novas situações onde possam compartilhar suas dores e sofrimento.

Em relação ao processo de luto dos pais, o mesmo pode ser amenizado de acordo com os vínculos intrageracionais e intergeracionais, apoio da família nuclear, amigos, bem como suas crenças sobre vida e morte, além de como era o relacionamento com o filho antes do fato (SILVA, 2009).

Nesse último aspecto, Silva (2009) aponta que o relacionamento entre os pais com o filho, anterior ao suicídio, pode ser um fator positivo ou negativo ao luto parental, uma vez que pendências, conflitos e pensamentos do que poderia ter sido feito para evitar a morte começam a surgir.

Além desses fatores, caso os pais forem divorciados, também há mudanças, e é necessário analisar o auxílio que os dois estão recebendo. (SILVA, 2009).

É preciso dar importância ao subsistema parental quando os pais estão separados ou divorciados. Especialmente quando há pouco convívio do progenitor que não mora com o filho, muitas vezes há preconceito em relação aos sentimentos dele. É como se o pai ou a mãe que convive com o filho tivesse mais direito de se enlutar do que o outro. (SILVA, 2009, p. 97).

Segundo Martins (2010), os sentimentos de culpa são muitas vezes intensos e paralisantes aos pais e familiares. A forma de enfrentamento é importante, muitos tentam evitar falar sobre o suicídio, ou sobre questões que possam lembrar o ato. A religiosidade também apareceu como sendo um importante fator ao enfrentamento.

Já para Silva (2009), além de fatores como culpa, raiva e depressão,

podem surgir questões como distanciamento, isolamento, negação da realidade da morte. O nascimento de novos filhos é comum após o acontecimento, a grande questão é como esse novo membro familiar irá se encaixar, como um salvador, um substituto ou incômodo. No caso, é preciso ter atenção redobrada nesses casos uma vez que sentimentos negativos podem ser evocados, e os pais não conseguem cuidar de modo adequado do novo membro familiar.

É o que também aponta o Conselho Federal de Psicologia (2013), os pais de filhos suicidas, por estarem sofrendo seu luto, poderão ficar tão absorvidos no seu próprio sofrimento que não conseguem dar atenção a outros filhos.

Atualmente a morte é envolta em um véu de tabu social, considerada antinatural e algo a ser evitado. Morrer tornou-se um sinal de fracasso da humanidade, ainda mais significativo e intensificado quando se trata da morte de um filho, que deveria ser “protegido” por seus pais. (SILVA, 2009, p. 91).

Portanto, deve-se focar em buscar compreender como é o processo de luto destes “sobreviventes”, tendo uma atitude acolhedora, em que a família se sinta apoiada, e consiga expressar sentimentos com segurança e entendendo que não serão julgados (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

São inúmeros e diferentes formas de enfrentamento, de reação à dor. O sentimento dos pais na busca por respostas ao suicídio, geralmente estão pautados nos “se” e nos “por quês”, bem como em questionamentos como “o que poderia ter feito”. Assim, o luto se torna ainda mais doloroso, e começam a “remoer” passos, falhas, e o que poderia ter sido diferente (SILVA, 2009).

A tentativa de encontrar um motivo, um porquê, também é observada no artigo de Gonçalves (2014), o qual aponta que muitas vezes os pais aceitam a morte do filho, mas por resignação, sabendo que o filho não volta, ao invés de passarem por um processo de aceitação da morte ou da perda em si.

Souza e Rasia (2017) também apontam para os grandes questionamentos que os familiares fazem após o suicídio, tentando entender não somente os motivos que levaram a pessoa a cometer o ato, mas pensando em uma forma de passar pelo processo do luto, quais estratégias de enfrentamento conseguem usar devido ao suicídio dentro da família.

Embora não seja uma regra, ou que obrigatoriamente aconteça com todos os pais, em sua maioria, os pais passam por períodos de constantes crises, sentimentos que variam entre a tristeza, decepção, sensação de abandono em toda a família (SILVA, 2009).

Osmarin (2015) aponta para a dificuldade em aceitar a morte por suicídio, e também a intensidade da dor e do luto quando a morte foi causada pela própria pessoa de forma intencional. Em uma morte involuntária, muitas vezes deve-se ater ao fato de que a pessoa tinha planos, sonhos os quais não poderá vivenciar; contudo, em uma morte por suicídio deve-se ater ao fato de que a pessoa escolheu encerrar a própria vida.

Ainda segundo esta autora (2015), raiva e culpa são sentimentos que podem surgir durante o processo de luto, mas é importante aos pais também buscarem ajuda e orientação, pois muitas vezes se isolam, ou permanecem tanto envoltos ao próprio sofrimento que não dão a devida atenção aos demais

filhos, e ao outro.

Para Silva (2009), embora pais e familiares passem por um processo de luto, isso não significa que estes passaram de forma igual e também com os mesmos sentimentos. Na realidade o processo do luto pode ocorrer em toda a família, mas cada membro reage de uma forma. Ainda para esta autora (2015), o luto ou o enfrentamento da perda também passa pela forma como o indivíduo morreu, mortes violentas ou “inesperadas” são mais difíceis de assimilar.

Morelli et al. (2013) afirmam que uma morte brusca exige dos enlutados um rompimento repentino, de modo que não houve uma preparação prévia, o que é comum nos casos de acidentes, podendo gerar sentimentos e questionamentos intensos ao tentar compreender os motivos que levaram a pessoa a cometer o ato e uma tentativa de entender quais os próximos passos enquanto família, devido a modificação inesperada no equilíbrio que a família possuía.

É o que também ressalta Silva (2009), entendendo que uma perda gera inúmeras mudanças na família, umas mais superficiais e rápidas, outras duradouras e irreversíveis. Algumas dessas mudanças são rápidas, e requerem pensamentos rápido do familiar, como os rituais funerários; dar a notícia da morte aos amigos e familiares; roupa que será usada no funeral, velório e o sepultamento; organização de documentos importantes, já outras como a doação de roupas e objetos pessoais do morto. Todas estas questões precisam ser trabalhadas com calma e muito respeito, pois nem sempre há concordância entre os familiares ou o casal que perdeu o filho, alguns vão querer se livrar devido a lembrança, já outros se apegam a estes objetos em uma tentativa de manter uma lembrança do morto.

Para Silva (2009), as famílias utilizam estratégias particulares para construir o significado da perda, fazendo comparações, caracterizações, questionamentos, referências, discordâncias, entre outros processos.

Segundo Morreli et al. (2013), esses questionamentos, comparações e discordâncias também são importantes para o processo de luto dos pais, uma vez que somente falando e expressando sentimentos a dor da perda pode ser trabalhada.

Como já mencionado, o processo de luto e reação à perda deve ser compreendido como sendo individual, e cada pessoa passa por este processo de um jeito. Silva (2009) traz alguns pontos importantes a observar.

A avaliação do contexto do luto engloba informações a respeito de circunstâncias da perda; experiência prévia com perdas de qualquer tipo, especialmente por morte; etapa do ciclo vital em que a família se encontra; situação econômica, educacional e ocupacional; base sociocultural, étnica, religiosa e filosófica da família; apoio informal: família e amigos, confidentes; apoio formal: profissionais da saúde, da escola e do trabalho; significado de doença, vida e morte; crises concomitantes e perdas secundárias. (SILVA, 2009, p. 68).

O processo de luto dos pais de adolescentes que cometeram suicídio sempre trará inúmeros questionamentos, mas o foco sempre deve estar em auxiliar esses pais, entendendo e respeitando sua dor. Avaliar um processo de luto deve buscar entender a como deve ocorrer esse auxílio.

CONCLUSÃO

Por fim, podemos compreender que o luto dos pais e o suicídio na adolescência são temáticas de extrema importância em nossa realidade atual, uma vez que o luto é um processo complexo e que requer várias e diferentes estratégias de enfrentamento.

A adolescência como pudemos observar é um período extremamente sensível, ligada a fatores biopsicossociais, e que muitas vezes sofre com várias influências que determinam as ações e reações dos adolescentes, tais como estar em grupo, se sentir amado ou mesmo como a sociedade o enxerga possui grande valor na vida do adolescente, já que essa fase da vida é marcada por conflitos e construção de uma identidade. Por tanto, o adolescente reage muito em função do ambiente, de questões emocionais e também de como este está construindo sua personalidade.

Já em relação ao suicídio na adolescência precisamos compreender que esse ainda possui pouca literatura científica, e que são necessárias várias pesquisas para aprofundar um tema tão complicado e delicado. A grande questão é entender que quanto antes se buscar auxílio a este adolescente melhor será a prevenção do suicídio na adolescência.

Já a tentativa de suicídio na adolescência é um grave problema, que tanto a família das vítimas quanto os profissionais de saúde precisam pensar em práticas e soluções para tentar diminuir os casos, e também o sofrimento que essas adolescentes vivenciam.

O processo de luto dos pais será algo de difícil mensuração, pois conta com questões únicas de cada pai e mãe como a personalidade de cada um, a forma e estruturação da família, visto que sempre será algo doloroso e que gera diversos questionamentos, sentimentos negativos, depressão, culpa, dor, sofrimento, discussões e conflitos entre as partes. Neste momento é preciso considerar que os vínculos que os pais possuem com amigos, família, e o suporte que recebem podem auxiliar neste processo de luto, pois em alguns casos a religiosidade, família e amigos podem ser um auxílio positivo. A união dos pais, como era o relacionamento entre os pais com o filho anteriormente ao suicídio também pode ser um fator positivo ou negativo ao luto parental.

Quanto aos sentimentos negativos que podem surgir no casal, como depressão tristeza, revolta, culpa, tendem a ser muito intensos e paralisantes, e precisam receber atenção da família e dos profissionais da saúde. Sentimentos como distanciamento, isolamento, negação da realidade da morte, ou também os nascimentos de novos filhos são comuns, o luto é um processo demorado e complexo onde novos e diferentes sentimentos podem se desenvolver com o tempo o importante é o manejo e estratégia pensada pelos pais para passar por este processo.

O suicídio de adolescentes, bem como o suicídio em si, tem que ser tratado como um problema de saúde pública, não somente o ato, mas também as consequências e resultados deste para a família.

Entendendo que mesmo sendo um tema doloroso, é importante se discutir na atualidade, o processo de luto dos pais e como auxiliá-los.

REFERÊNCIAS

ARIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 1981.

AYRES, J. **Adolescência e saúde coletiva**: aspectos epistemológicos da abordagem programática. In: SCHRAIBER, L. B. Programação em Saúde Hoje. São Paulo: Hucitec, 1990. Cap.4, p. 139-82.

AYRES, J.; FRANÇA, I. **Saúde do adolescente**. In: SCHRAIBER, L.B. et al. Saúde do Adulto: programas e ações na unidade Básica. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 66-85.

ALVES, M. **Prevenção da tentativa de suicídio e programa de saúde mental entre crianças e adolescente do município de Matozinhos**. Dissertação (Mestrado) Centro Universitário UMA. 2014. Disponível em: <<http://www.mestradoemgsedl.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Michelle-Alexandra-Gomes-Alves.pdf>>. Acesso em: 15 de junho de 2017.

AVANCI, R. **O adolescente que tenta suicídio: estudo epidemiológico em uma unidade de emergência**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-13102004-151251/pt-br.php>>. Acesso em: 15 de junho de 2017.

AZEVEDO, A. **Relações amorosas e tentativa de suicídio na adolescência**: uma questão de (dês) amor. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17490>>. Acesso em: 15 de junho de 2017.

BERTI, A. **Suicídio na adolescência**: revisão bibliográfica. Marília, SP: [s.n.], 2010. Orientador: Antônio Carlos Siqueira Júnior.

CASTRO, M. **Suicídio e família**: concepção de psicólogos e psiquiatras. Brasília. 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O suicídio e os desafios para a Psicologia / Conselho Federal de Psicologia**. Brasília: CFP, 2013.

GONÇALVES, J. LUTO. **Parental em situações de morte inesperada**: reações à perda, estratégias de *coping* e percepção de qualidade de vida. Mestrado Integrado em Psicologia. Universidade de Lisboa. 2014.

JUSTO, J. **O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade**. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 17, nº 1, p. 61-77, jan./jun. 2005.

LOPES, P; BAREIRA, D.; PIRES, A. **Tentativa de suicídio na adolescência: avaliação do efeito de gênero na depressão e personalidade.** Revista Psicologia, Saúde e Doença, 2001.

MARANHO, A. **O adolescente, o “ficar” e a família.** Revista UNINGÁ n.13, p. 65-80, jul/set.2007.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 2003. Editora Atlas, 5 ed.

MARQUES, A. **Avaliação do teste *stroop* emocional para *screening* de risco suicida como medida de ideação suicida.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade da Beira Interior, 2013. Disponível em: <<http://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2609>>. Acesso em: 15 de junho de 2017.

MARTINS, S. A. **Análise dos fatores envolvidos no processo de luto das famílias nos casos de suicídio.** Revista Mineira de Ciências da Saúde. Patos de Minas: UNIPAM, (2):123-135, ISSN 2176-2244, 2010.

MATSUNAGA, V. **O suicídio como acidente de trabalho.** Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” Faculdade de Direito de Presidente Prudente, SP. 2007.

MORELLI, A.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(9):2711-2720, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, OMS. **Suicídio** — prevenção e controle. Um recurso para conselheiros. Genebra. 2006.

OSMARIN, V. M. **O luto dos sobreviventes.** O portal dos Psicológicos. 2015.

OUTEIRAL, J. **O que são adolescência e puberdade.** Revinter: Rio de Janeiro, ed. 3, cap.1-2. 2008.

SILVA, L. **Tentativa de auto-extermínio entre jovens e adolescentes: uma análise compreensiva.** 2010. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/GCPA-843QGV>>. Acesso em: 15 jun. de 2017.

SILVA, D. **E a vida continua...** O processo de luto dos pais após o suicídio de um filho? Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p.138 São Paulo. 2009.

SOUZA, N.; RASIA, J. **Sobrevivendo ao suicídio**: estudo sociológico com famílias de suicidas em Curitiba. IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR. Ponta Grossa, 2017.

VENCO, S.; BARRETO, M. **O sentido social do suicídio no trabalho**. Revista Espaço Acadêmico, nº 108/maio de 2010.

WERLANG, B.; BORGES, V.; FENSTERSEIFER, L. **Fatores de Risco ou Proteção para a Presença de Ideação Suicida na Adolescência**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Revista Interamericana de Psicologia – Interamerican Journal of Psychology. vol. 39, Num. 2 p. 259-266. 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adolescent health**. [S. l.], 2008. Disponível em: <http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/>. Acesso em: 25 de março de 2017.